

PROJETO DE VIDA E FORMAÇÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES: ATLETAS DO FUTEBOL, ESTUDANTES -TRABALHADORES E ESTUDANTES -TÍPICOS

Life plans and educational backgrounds of students: soccer athletes, working students, and typical students

Camilo Araújo Máximo de Souza¹

Hugo P. A. da Rocha²

Antonio Jorge G. Soares³

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar e comparar a escolarização e os projetos de vida de jovens estudantes atletas do futebol com jovens estudantes trabalhadores, e jovens estudantes típicos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada através de entrevistas semiestruturadas com cinco estudantes típicos, seis estudantes trabalhadores e quatro estudantes atletas do futebol. As entrevistas foram transcritas e analisadas de forma criteriosa seguindo os fundamentos metodológicos da análise temática. Os resultados encontrados evidenciam que a trama central da pesquisa está apoiada em cinco eixos de sustentação que estão inter-relacionados: ambiente escolar, barreiras a escolarização, estratégias para o enfrentamento das demandas da dupla carreira, identidade profissional e projetos de vida, e envolvimento familiar. A escola revelou-se um espaço de enfrentamento de diferentes demandas: se, para os estudantes típicos, a realidade mostrou-se menos complexa devido à sua dedicação exclusiva à formação acadêmica, os estudantes atípicos em dupla carreira apresentaram conflitos de conciliação de agendas e demandas entre escola, trabalho e esporte. A criação de leis específicas para a organização das rotinas e demandas dos estudantes atletas e a exigência de contratos de trabalho para todos os estudantes trabalhadores, impactaria de forma positiva na qualidade de vida dos jovens em dupla carreira.

Palavras-chave: Projeto de vida; Estudantes típicos; Estudantes atletas; Estudantes trabalhadores; Futebol.

¹ Docente do Instituto de Educação Física e Desportos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8607-4312>. E-mail: camilomaximo@gmail.com.

² Docente do Colégio Pedro II. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2237-1155>. E-mail: hrocha.ufrj@gmail.com.

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro Docente da Universidade Iguaçu. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7769-9268>. E-mail: ajgsoares@gmail.com.

Abstract

The objective of this article is to analyze and compare the educational experiences and life plans of young student soccer players with those of young working students and typical young students. This is a qualitative study conducted through semi-structured interviews with five typical students, six working students, and four student soccer players. The interviews were transcribed and carefully analyzed following the methodological principles of thematic analysis. The findings reveal that the central focus of the research is supported by five interrelated pillars: school environment, barriers to schooling, strategies for coping with the demands of a dual career, professional identity and life plans, and family involvement. School proved to be a space for coping with different demands: while for typical students the reality was less complex due to their exclusive dedication to academic studies, atypical students pursuing dual careers faced conflicts in balancing schedules and demands between school, work, and sports. The creation of specific laws to organize the routines and demands of student-athletes, and the requirement of employment contracts for all working students, would positively impact the quality of life for young people pursuing dual careers.

Keywords: Life plan; Non-athletic students; Student-athletes; Working students; Soccer.

Introdução

A noção de projeto de vida busca a compreensão da maneira como os indivíduos constroem suas trajetórias profissionais e identitárias nas sociedades complexas. A viabilidade de um projeto de vida depende do campo de possibilidades que o indivíduo encontra à sua frente. Este campo se constitui a partir da percepção dos indivíduos sobre as oportunidades de desenvolvimento da carreira na sociedade (Velho, 2003). O projeto de vida é, também, em nossa sociedade, uma dimensão da relação com o saber e com o mundo, constituída por meio das experiências escolares e extraescolares (Charlot, 2000). Todavia, apesar da centralidade da escola na vida dos jovens, essa é uma instituição vista como descolada das realidades juvenis, e que, muitas vezes, não dialoga com os interesses, necessidades e tempos dos estudantes (Arroyo, 2013). Neste artigo, abordaremos os projetos de vida de três grupos de estudantes da educação básica: os estudantes-trabalhadores, os estudantes-atletas e os estudantes típicos.

A categoria de estudantes atípicos, tal como a utilizamos neste estudo, refere-se àqueles que combinam, simultaneamente, a formação escolar com outra atividade que exige dedicação e/ou processos de aprendizagem sistemática: seja no campo laboral, seja no campo esportivo. Trata-se de jovens que precisam conciliar dois projetos formativos – o escolar e o laboral

ordinário ou esportivo – e, por isso, enfrentam especificidades e desafios próprios que os distinguem do conjunto dos estudantes dedicados à escola.

Os estudantes-trabalhadores são aqueles que exercem atividades laborais remuneradas, seja no mercado formal (com algum tipo de contrato) ou no mercado informal, acumulando, portanto, as obrigações escolares e as do mundo do trabalho. Já os estudantes-atletas são jovens envolvidos em modalidades esportivas, que demandam alto investimento físico, técnico e emocional, incluindo participação em treinos, competições e deslocamentos. Os estudantes- atletas, mesmo que nem sempre formalizados como trabalhadores – dado que a prática esportiva se confunde com uma dimensão da educação juvenil – atuam sob lógica de desempenho, expectativa de rendimento e, em muitos casos, possuem vínculos remuneratórios ou contratos informais ou regulados após os 16 anos (Pinto et al., 2023).

Por contraste, designamos como estudantes típicos aqueles cuja única atividade a que se dedicam é a escola. Esses jovens não se encontram inseridos em duplas formações e, portanto, podem em tese ter dedicação exclusiva às exigências e oportunidades da escolarização, a depender do projeto de vida e do *background* familiar em relação ao projeto de vida (Senkevics; Carvalho, 2020; Meyer; Andrade, 2014). O grupo típico, em tese, serve como parâmetro de comparação para a análise dos efeitos da dupla jornada sobre os estudantes atípicos.

A educação formal pode representar, para todos esses jovens, uma oportunidade singular de mobilidade social e econômica ascendente (Ribeiro, 2011). Contudo, o acesso, a permanência e a qualidade da escolarização são profundamente atravessadas pelas condições sociais, culturais e econômicas de origem (Meyer; Andrade, 2014). As redes públicas e privadas de ensino, ainda que formalmente regidas por diretrizes comuns, oferecem padrões de atendimento heterogêneos, com escassa adaptação às demandas específicas de estudantes com inserção simultânea em outra atividade (esporte, trabalho, dedicação religiosa etc.). A padronização institucional a partir de um ideal de estudante típico acaba por limitar o direito à educação e contribui para a reprodução das desigualdades educacionais (Ernica et al., 2025).

No caso dos estudantes-trabalhadores, diversos indicadores apontam os efeitos negativos da sobreposição entre trabalho e estudo: evasão escolar, reprovações, defasagem idade-série, abandono, migração para a escola noturna e o efeito *start-stop* – vários processos de abandono e reingresso intermitentemente (Carrano *et al.*, 2015). A conciliação entre trabalho e escola sem o devido planejamento institucional pode comprometer a trajetória escolar, afetando o tempo, o tipo e a qualidade da formação. Dependendo das condições e da carga horária do trabalho, o risco de abandono escolar aumenta (Ferreira *et al.*, 2024).

Os estudantes-atletas enfrentam desafios similares. A intensa rotina de treinos, competições e cobranças por desempenho pode entrar em conflito com o calendário escolar e com as exigências acadêmicas. Em muitos casos, ocorre o abandono parcial ou total da escolarização, ou a migração para instituições com menor exigência pedagógica, como o ensino noturno ou escolas privadas de baixo custo (Correia *et al.*, 2022; Rocha *et al.*, 2023).

Já os estudantes típicos, apesar de não enfrentarem a sobreposição de atividades formativas, não estão isentos de desafios que se associam às desigualdades escolares nos sistemas escolar, territoriais e de origem social (Meyer; Andrade, 2014; Senkevics; Carvalho, 2020). A precariedade das condições de ensino, a baixa infraestrutura escolar, a desvalorização docente, as incertezas quanto ao futuro e a pressão por resultados podem influenciar negativamente suas experiências no processo de escolarização (Schneider; Frantz; Alves, 2020). Nesse sentido, a análise das condições socioeconômicas e institucionais que conformam o cotidiano escolar de todos os grupos é essencial para compreender as barreiras à efetivação do direito à educação de qualidade (Schneider *et al.*, 2020).

Diante disso, o artigo apresenta duas questões centrais: (1) Como ocorre a conciliação das rotinas e quais os principais desafios enfrentados pelos estudantes-atletas, estudantes-trabalhadores e estudantes típicos na escolarização básica? (2) Como os jovens desses três grupos elaboram seus projetos de vida? Ainda que o esporte e o trabalho compartilhem certas características – como a busca por resultados, a necessidade de comprometimento, as interações sociais e o desenvolvimento pessoal (Aladim

et al., 2024) –, os contextos nos quais essas práticas se desenvolvem são distintos. Cada espaço social impõe aos jovens exigências, valores e oportunidades diferentes, o que se reflete na forma como os projetos de vida são idealizados, elaborados e reelaborados diante das possibilidades de continuidade das trajetórias escolares.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar e comparar a escolarização e os projetos de vida de jovens estudantes-atletas do futebol com os de jovens estudantes-trabalhadores e jovens estudantes típicos. Os objetivos específicos são: comparar as rotinas e identificar os principais desafios enfrentados por estudantes-trabalhadores, estudantes-atletas e estudantes típicos; observar os processos de conciliação e organização dos tempos destinados às atividades escolares, laborais, esportivas e de lazer; compreender como os diferentes contextos moldam os sentidos atribuídos à escola e aos projetos de vida, por esses jovens.

I. Metodologia

Este estudo de caráter exploratório está inserido em um projeto de pesquisa maior que contou com a participação de 176 jovens estudantes atípicos e típicos, que participaram da primeira fase da pesquisa respondendo a um questionário estruturado do tipo *survey*. O grupo era composto por 70 estudantes típicos, 42 estudantes trabalhadores e 64 estudantes atletas, todos homens. A Tabela 1 apresenta o perfil dos estudantes.

TABELA 1 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO POR GRUPOS DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Indicador	Estudante	Estudante / trabalhador	Estudante / atleta
Média de idade	17,6 anos	18,0 anos	16,7 anos
Cor da pele			
Branco	36,6%	35,8%	29,4%
Pardo	40,8%	38,5%	47,0%
Preto	19,7%	23,1%	22,1%
Não desejo declarar	1,4%	2,6%	0%
Amarelo	1,5%	0%	0%
Indígena	0%	0%	1,5%
Turno escolar			
Manhã	25,4%	20,5%	17,6%
Tarde	22,5%	12,8%	22,1%
Noite	52,1%	66,7%	60,3%
Tipo de escola			

Pública	100%	100%	100%
Privada	0%	0%	0 %
Série escolar			
1ª série do E.M	43,7%	33,3%	44,6%
2ª série do E.M	46,4%	35,9%	45,6%
3ª série do E.M	9,9%	30,8%	9,8%
Já repetiu de ano			
Sim	35,2%	46,2%	41,2%
Não	64,8%	53,8%	58,8%
Classe social			
A	1,4%	2,6%	8,8%
B1	2,8%	7,7%	7,4%
B2	35,2%	28,8%	39,7%
C1	26,7%	29,2%	17,6%
C2	25,4%	18,9%	14,7%
D/E	8,5%	12,8%	11,8%

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A classificação socioeconômica dos participantes foi realizada com base nos critérios da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), permitindo a categorização dos estudantes em classes sociais (A, B1, B2, C1, C2, D/E). Essa variável foi utilizada para compreender as desigualdades de origem e suas implicações na escolarização e nos projetos de vida dos jovens.

O resultado dos dados sociodemográficos – média da idade, cor da pele, turno escola, tipo de escola, série escolar, reprovação escolar e classe social – possibilitou a identificação do perfil dos estudantes típicos e atípicos e, posteriormente, a adaptação do roteiro de entrevistas realizadas na segunda fase da pesquisa. Os dados expostos na tabela apresentam indicadores comuns aos três grupos analisados.

Este artigo está diretamente relacionado à segunda fase da pesquisa, na qual selecionamos cinco estudantes típicos, seis estudantes-trabalhadores e quatro estudantes-atletas para serem entrevistados, com o objetivo de aprofundarmos algumas temáticas que julgamos de grande relevância. Os estudantes estavam matriculados em duas escolas de ensino médio da rede estadual de ensino (SEEDUC/RJ), em turmas da primeira, segunda e terceira séries do Ensino Médio Regular. O Quadro 1 apresenta os dados sociodemográficos dos estudantes que participaram da segunda fase da pesquisa.

QUADRO 1 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS 15 ESTUDANTES SELECIONADOS PARA A SEGUNDA FASE DA PESQUISA

Tipo de Estudante	Idade	Cor da pele	Turno escolar	Tipo de escola	Série escolar	Já repetiu de ano	Classe social
Típico 1	16	Pardo	Manhã	Pública	2ª série do E.M	Não	C1
Típico 2	17	Branco	Manhã	Pública	3ª série do E.M	Não	B2
Típico 3	16	Branco	Tarde	Pública	1ª série do E.M	Não	B2
Típico 4	16	Pardo	Noite	Pública	1ª série do E.M	Sim	C2
Típico 5	17	Preto	Tarde	Pública	2ª série do E.M	Não	B2
Trabalhador 1	17	Preto	Manhã	Pública	3ª série do E.M	Não	B2
Trabalhador 2	17	Pardo	Manhã	Pública	3ª série do E.M	Não	B2
Trabalhador 3	16	Pardo	Noite	Pública	1ª série do E.M	Sim	C2
Trabalhador 4	16	Branco	Tarde	Pública	2ª série do E.M	Sim	B2
Trabalhador 5	17	Preto	Tarde	Pública	2ª série do E.M	Sim	C1
Trabalhador 6	17	Preto	Noite	Pública	2ª série do E.M	Sim	C1
Atleta 1	17	Branco	Noite	Pública	2ª série do E.M	Sim	B2
Atleta 2	17	Pardo	Noite	Pública	3ª série do E.M	Não	B1
Atleta 3	16	Branco	Tarde	Pública	1ª série do E.M	Não	B1
Atleta 4	17	Preto	Noite	Pública	3ª série do E.M	Não	C1

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A construção desta amostra contou com os seguintes critérios de inclusão: a) estudantes que assinalaram na primeira fase da pesquisa o desejo de continuar sua participação na pesquisa, caso fossem requisitados para as entrevistas; b) jovens estudantes típicos e estudantes trabalhadores entre 16 e 17 anos; c) estudantes trabalhadores envolvidos em trabalhos formal e informal; d) estudantes atletas de futebol vinculados à categoria sub 17 de clubes inscritos na Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro.

1.1. Análise dos dados

O processo de análise ocorreu da seguinte forma: as entrevistas foram transcritas e analisadas de forma criteriosa seguindo os fundamentos metodológicos da análise temática. A análise temática é um método para descrever, analisar e identificar padrões dentro de um conjunto de dados, elaborando códigos que possibilitem a interpretação desses dados (Braun; Clarke, 2006). Este método é composto por seis fases: 1) na primeira fase ocorreu a familiarização com os dados através de sua leitura detalhada e da realização de registros das ideias iniciais; 2) na etapa seguinte, ocorreu a identificação sistemática de características importantes nos dados, gerando

códigos – palavras ou pequenas frases – para trechos importantes das entrevistas; 3) o agrupamento de todos os códigos relacionados a potenciais temas foi realizado nesta fase; 4) neste estágio, o aprimoramento dos temas foi efetuado; todos os extratos foram lidos e agrupados para cada tema, buscando a coerência dos dados dentro dos temas; 5) neste momento, ocorreu a nomeação dos temas, através de uma análise clara do que cada tema significava e de que maneira contribuía para a compreensão dos dados; 6) a última fase apresentou a sistematização e a comunicação dos resultados através de uma narrativa analítica que articula os dados coletados, os temas identificados e a discussão teórica.

2. Resultados

Nesta análise temática, foram identificados cinco temas centrais e 10 subtemas que se repetiam com frequência nos discursos dos estudantes-atletas, estudantes-trabalhadores e estudantes típicos. Os temas e subtemas são apresentados no Quadro 2.

QUADRO 2 – SÍNTESE: TEMAS, SUBTEMAS E EXEMPLOS DE FALAS POR GRUPO DE ESTUDANTES

Tema Central	Subtema	Estudantes Típicos	Estudantes -Trabalhadores	Estudantes -Atletas
1. Identidade Profissional e Projetos de Vida	Planejamento da carreira	"Quero seguir a carreira militar. " (Típico 5)	"Pretendo seguir na área administrativa, onde já atuo como jovem aprendiz. " (Trab. 5)	"Quero ser jogador de futebol profissional; depois, cursar Educação Física. " (Atleta 2)
	Mudança de área de atuação	–	"Quero sair da marcenaria; pretendo fazer curso técnico em logística. " (Trab. 2)	–
2. Barreiras à Escolarização	Rotinas diárias complexas	"Ajudo nas tarefas de casa pela manhã, já que meus pais trabalham o dia todo. À tarde vou para a escola." (Típico 3)	"Escola de manhã; à tarde trabalho, e à noite faço curso para o ENEM. " (Trab. 3)	"Treino à tarde e estudo à noite até as 22 h." (Atleta 4)
	Cansaço físico e mental	–	"Às vezes falto à escola por cansaço do trabalho. " (Trab. 2)	"O cansaço é físico e mental; difícil focar nas aulas. " (Atleta 1)

Tema Central	Subtema	Estudantes Típicos	Estudantes -Trabalhadores	Estudantes -Atletas
3. Estratégias para o enfrentamento das demandas da dupla carreira	Separação das demandas escolares, de treino e trabalho	—	"No trabalho não consigo estudar; foco nas tarefas na escola. " (Trab. 2)	"Quando treino, foco só no treino; na escola, foco só nos estudos. " (Atleta 4)
	Priorização entre atividades	—	"O trabalho é prioridade, preciso ajudar em casa. " (Trab. 1)	"Evito faltar ao treino; a escola é mais flexível em relação às faltas. " (Atleta 4)
4. Ambiente Escolar	Relação com profissionais da escola	"Os professores são abertos e receptivos, me sinto à vontade para falar e tirar dúvidas. " (Típico 2)	"Saio do trabalho meio-dia, mas as vezes entro atrasado na escola, só que não recebo falta porque a professora sabe que venho do trabalho. " (Trab. 1)	"Quando preciso faltar por causa de jogos, a escola entende e não me dá falta. " (Atleta 3)
5. Envolvimento Familiar	Investimento financeiro em formação	"Faço curso preparatório para carreira militar. " (Típico 2)	"Minha mãe paga um curso de inglês e de administração. " (Trab. 5)	"Os meus pais compram chuteiras, bancam a passagem e o lanche. " (Atleta 4)
	Dedicação e apoio moral	"A minha família acompanha muito os meus estudos, principalmente a minha mãe. " (Típico 1)	"Consegui trabalho por indicação de um conhecido do meu pai. " (Trab. 2)	"Os meus avós mudaram para o Rio para acompanhar minha formação. " (Atleta 3)
	Evitar a dupla carreira	"Meus pais preferem que eu estude e não trabalhe agora. " (Típico 5)	—	—

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A identidade profissional dos estudantes atípicos e típicos e a relação com os seus projetos de vida pode ser observada ao analisarmos o conteúdo das entrevistas. A maioria dos estudantes típicos desejava o ingresso na carreira militar ou em cursos técnicos profissionalizantes, após o término do ensino médio, apenas um estudante típico entrevistado pretendia ingressar no curso de engenharia elétrica em uma universidade.

Estou focado nos concursos militares, eu faço um curso preparatório todos os dias depois da escola, para no final do ano fazer as provas. A carreira militar tem estabilidade, e oferece bons salários, pode ser uma boa escolha para o meu futuro (Estudante típico 2).

Neste ano eu comecei a fazer um curso técnico de eletrônica, aos sábados, tem a duração de um ano, com este diploma eu já consigo buscar um trabalho. No final do ano vou fazer o ENEM, vou tentar para engenharia elétrica, mas, se eu não passar para uma faculdade, vou procurar trabalho como técnico em eletrônica (Estudante típico 1).

Os estudantes-atletas valorizavam fortemente a sua posição esportiva e almejavam alcançar o profissionalismo no futebol, se possível na própria equipe em que atuavam. No caso de a profissionalização no futebol não ocorrer, ou como uma opção para o reingresso no mercado de trabalho após o fim da carreira esportiva, desejavam ingressar no curso de Educação Física.

O meu maior sonho é chegar ao profissional, se for possível aqui no clube em que estou hoje, se não der, pode ser em outro clube. Eu tenho noção de que ser um profissional do futebol de um clube grande é uma coisa muito difícil, mas eu acredito em mim, este é o meu sonho. Na escola o meu objetivo principal é terminar o ensino médio. Penso em fazer educação física mais tarde, só não sei quando, vai depender do futebol, se eu conseguir vencer no futebol, vou fazer educação física quando eu parar de jogar, se eu não der certo como jogador, vou fazer educação física para trabalhar em alguma coisa ligada ao futebol (Estudante-atleta 1).

Os estudantes-trabalhadores vinculados a empregos formais estavam contratados como jovens aprendizes e exerciam a função de auxiliar administrativo: numa metalúrgica, em um escritório de tecnologia da informação e numa empresa de engenharia. Esses três jovens estudantes-trabalhadores pretendiam continuar suas carreiras profissionais após o término do ensino médio, nas mesmas áreas em que estavam inseridos no mercado de trabalho. Os jovens, possuíam expectativas de ampliar suas

formações através de cursos técnicos profissionalizantes voltados para a área profissional em que atuavam.

O meu trabalho é de jovem aprendiz, trabalho na parte administrativa de um escritório de informática e eu pretendo ser um técnico em informática no futuro. Esse curso que eu estou fazendo, no final do ano ele já me dá um certificado que você pode trabalhar em outra empresa ou pode ter o seu contrato renovado (Estudante-trabalhador 6).

Os estudantes-trabalhadores vinculados a ocupações informais atuavam no mercado de trabalho como: auxiliar de marcenaria, ajudante de pedreiro e auxiliar de transporte em uma lavanderia. Neste grupo, nenhum jovem pretendia continuar vinculado ao local em que estava trabalhando no momento da realização da pesquisa; desejavam alcançar um novo posto no mercado de trabalho, que oferecesse melhores condições de trabalho e melhor remuneração.

Eu trabalho com transporte de roupas de hospital, trabalho numa lavanderia, o meu trabalho é coletar a roupa limpa lá na lavanderia e depois levar para os hospitais e pegar a roupa suja dos hospitais e levar para a lavanderia. O trabalho é pesado e cansativo porque eu começo a trabalhar na parte da noite, às sete horas, e normalmente eu volto para casa as cinco horas da manhã do outro dia (Estudante-trabalhador 4).

A gestão do tempo foi um desafio encontrado pelos jovens estudantes em suas rotinas diárias. Os jovens estudantes típicos e atípicos enfrentavam em média uma jornada escolar de cinco horas diárias para os turnos matutino e vespertino; no turno noturno essa média foi reduzida para quatro horas.

A escola aqui começa as sete horas da manhã e termina meio-dia (Estudante típico 4).

A carga horária de aula é menor à noite. São, na verdade, quatro horas de aula por dia no máximo, muita gente deste horário estuda e trabalha, às vezes, chega aqui mais cansado (Estudante-atleta 1).

A situação dos estudantes atípicos envolvia também o tempo gasto diariamente em suas outras formações. No caso dos estudantes atletas, a carga horária média de treinamento diária era de três horas por dia.

Eu chego no clube umas oito horas, faço a primeira parte do treinamento na academia de musculação. Às nove ou 10 horas, tem o treino de campo que dura até umas 11 horas. Depois do treino, eu vou

para casa almoço e vou para a escola, que começa uma da tarde e termina às seis (Estudante-atleta 3).

Na realidade dos estudantes-trabalhadores, ocorria uma variação de acordo com o tipo de vínculo trabalhista. Os estudantes-trabalhadores inseridos no mercado de trabalho formal, regulamentado por contrato de trabalho, tinham a sua carga horária limitada a quatro horas diárias; já os vinculados a trabalhos informais não possuíam um padrão de horas trabalhadas por dia, em alguns casos, ultrapassavam oito horas de trabalho.

Eu sou Jovem Aprendiz em uma firma de engenharia civil. Tenho contrato de trabalho de quatro horas por dia. Eu entro no trabalho as oito horas da manhã e saio meio-dia. Saio direto do trabalho para a escola, chego mais cedo para almoçar e, depois do almoço, eu espero até uma hora para a aula começar. Normalmente, eu saio da escola por volta das seis da tarde (Estudante- trabalhador 5).

Eu estudo na parte da manhã, de sete até meio dia, almoço aqui na escola e vou direto para o meu trabalho. O meu horário de trabalho é de uma hora às cinco horas da tarde, isso é o combinado, mais sempre que tem trabalho para entregar, a gente precisa ficar até mais tarde, depois de cinco horas (Estudante- trabalhador 4).

Os estudantes atípicos e típicos, relataram dificuldades para estudar fora do ambiente escolar; a maioria dos jovens estudava apenas nas semanas de provas, ou quando recebiam alguma tarefa para ser feita em casa. A justificativa para a falta de tempo para os estudos mostrou semelhanças e diferenças entre os grupos de estudantes. No caso específico dos estudantes típicos, o compromisso com as tarefas domésticas e o auxílio aos irmãos menores são fatores relevantes que consomem o tempo livre fora da escola.

Os meus pais trabalham o dia todo, por isso, quando eu saia da escola eu voltava para casa para ver o almoço dos meus irmãos, botar eles para a escola e depois arrumar a casa, tudo fica comigo, cuidar dos meus irmãos e da casa (Estudante típico 2).

No caso específico dos estudantes atípicos, a dupla jornada de formação, escola-trabalho ou escola-treino, acabava por sobrecarregar os jovens, que eram obrigados diariamente a enfrentar demandas vindas de duas instituições de formação diferentes. Com isso, o desgaste acabava gerando cansaço físico e mental impactando negativamente no desempenho desses jovens.

Conciliar trabalho e escola é bem complicado, muito cansativo. No começo fiquei meio perdido para organizar as duas coisas, mas, com o tempo eu fui me adaptando (Estudante-trabalhador 4).

Me sinto muito cansado, às vezes eu estou em casa à noite e vou me sentar para estudar, o meu olho fecha sozinho, não consigo ficar acordado para estudar porque estou cansado demais (Estudante-atleta 3)

As estratégias elaboradas pelos estudantes atípicos para amenizar as barreiras impostas pela conciliação estavam estruturadas a partir da separação das demandas exigidas pela escola, pelo treino e pelo trabalho. As tarefas da escola eram realizadas apenas no horário escolar, na maioria das vezes, para estudantes atípicos, limitando o tempo de estudos diários ao tempo da jornada escolar.

Procuro aproveitar o máximo de tempo em que eu estou na escola para fazer tudo o que eu preciso. Por isso, eu presto bastante atenção na aula. No trabalho eu não consigo estudar (Estudante-trabalhador 2).

Eu costumo resolver tudo da escola aqui na escola. Não gosto de levar tarefa para fazer lá no alojamento, porque eu posso esquecer de fazer, ou pode não dar tempo, eu só estudo lá no centro de treinamento quando tem algum teste, prova ou apresentação de seminário (Estudante-atleta 2).

O grau de exigência, o nível de controle impostos pelas diferentes agências formadoras e as demandas de caráter financeiro influenciavam nas tomadas de decisões dos jovens atípicos em suas atividades do cotidiano.

Eu não gosto de faltar na escola, só falto se eu estiver doente ou muito cansado. No trabalho eu não falto, por dois motivos: primeiro que se eu faltar eu sou descontado, segundo é que eu posso ser dispensado da empresa se eu ficar faltando muito, e eu preciso desse dinheiro para ajudar em casa (Estudante- trabalhador 1).

Não falto ao treino, porque eu moro dentro do clube, está todo mundo me vendo aqui o tempo todo. Se eu faltar ao treino, o clube desconta do meu salário o dia que eu faltei e a cada dia que eu não treino o meu desempenho cai; e nós estamos sempre precisando mostrar um bom desempenho para poder jogar e continuar no clube, a disputa por uma vaga aqui é muito grande. Em relação à escola, eu evito faltar para não perder matéria ou ficar reprovado por falta, mas, se eu tiver que faltar, é um problema menor, porque eu posso pegar a matéria com outro colega, e também ninguém da escola vai me procurar para saber por que eu faltei (Estudante-atleta 4).

Os jovens típicos relataram sentir-se bem no ambiente escolar, recebiam da maior parte dos profissionais da escola apoio para a resolução de impasses provenientes de questões do cotidiano escolar. Os jovens atípicos,

por dividirem suas rotinas entre duas formações, acabavam necessitando de apoio com maior frequência para resolver questões específicas de suas realidades como: ampliação de prazo para entrega de trabalhos, remarcação de provas, justificativa de faltas e atrasos, possibilidade de alteração na jornada escolar. Os jovens estudantes atípicos contavam, na maioria das vezes, com a colaboração dos coordenadores e diretores das escolas, porém, muitas questões acabavam, no dia a dia, sendo resolvidas pelos estudantes de forma direta com os docentes. O apoio dos colegas de turma também foi outro elemento marcante como estrutura de apoio aos jovens estudantes de uma maneira geral, mas principalmente para os jovens atípicos, que eram obrigados a faltar a escola em alguns momentos devido a compromissos com outras formações. Nestas situações, os jovens recorriam aos seus colegas de classe para recuperar o conteúdo das disciplinas relativo aos dias em que faltaram.

Porque eu preciso sair um pouco mais cedo da escola, vinte minutos mais cedo todos os dias, para não me atrasar no trabalho. Eu tenho esse direito, a escola cedeu esse tempo para mim (Estudante-trabalhador 1).

O pessoal aqui da escola demonstra um carinho muito grande com a gente que é jogador, porque eles têm a compreensão que a nossa vida não é fácil e que para levar a escola e o treino durante um ano todo é muito difícil. Eu posso falar que, no meu caso, os professores são muito disponíveis para resolver alguma questão que eu leve para eles, eu procuro recorrer aos professores só em último caso, primeiro eu tento resolver perguntando para algum colega da turma (Estudante-atleta 3).

Eu sempre que preciso de alguma coisa, de alguma ajuda dos professores, eu tenho apoio, essa semana mesmo eu procurei o professor de geografia para resolver uma questão e ele me explicou tudo com maior calma (Estudante típico 2),

Esta realidade de compreensão e acolhimento não englobava todos os docentes da escola, obrigando os estudantes, quando preciso, a criar estratégias de negociação diferentes, de acordo com as condições impostas por cada um dos docentes, principalmente os estudantes atípicos que necessitavam resolver demandas de duas agências formadoras.

Depende, alguns professores entendem, outros não, a minha situação, não tem uma regra. Porque tem professores que você consegue conversar, tem outros professores que são muito regrados, entendeu,

é mais difícil de conversar, eles não têm muita abertura e não permitem mudança nos planos (Estudante-atleta 2).

Quando eu preciso resolver alguma coisa da escola, um trabalho que eu não consegui entregar ou um teste que eu faltei, eu procuro falar direto com o professor. Às vezes eu consigo resolver, não é sempre, vai depender do professor, se ele for muito rigoroso, com certeza não vai deixar entregar um trabalho fora do prazo, por exemplo (Estudante trabalhador 4).

As famílias dos jovens estudantes atletas apoiavam suas formações acadêmica e esportiva, promovendo meios que garantissem a permanência de seus filhos na dupla carreira. O apoio familiar ocorria de várias formas, desde o apoio material e financeiro para a manutenção de seus filhos na atividade esportiva ou, em casos mais impactantes, como a mudança de estado de todo o núcleo familiar para acompanhar de perto o desenvolvimento esportivo do jovem atleta, em outro estado do país.

Os meus pais me apoiam muito, saí de Porto Seguro na Bahia, com nove anos, os meus pais deixaram tudo que tinham lá, trabalho, família, amigos, para acompanhar a minha carreira, vieram morar no Rio de Janeiro (Estudante-atleta 2).

No caso dos familiares dos estudantes trabalhadores, o apoio ao trabalho ocorreu na maior parte das famílias, inclusive algumas dessas famílias participaram ativamente da busca por postos de trabalho para os seus filhos, através de suas redes de contato. Essas famílias também investiam recursos financeiros em suas formações, financiando cursos de informática e língua estrangeira para ampliar as possibilidades da conquista do primeiro emprego.

A minha mãe tem um amigo que trabalha numa empresa de construção civil, ela perguntou para ele se não tinha uma vaga de jovem aprendiz para mim, ele mandou eu passar lá, fui à entrevista e eles me contrataram (Estudante-trabalhador 5).

O apoio familiar aos jovens típicos permitia que estes se dedicassem apenas à formação acadêmica, sem precisar dividir o seu tempo com outra formação. As famílias compreendiam que a inserção numa dupla jornada poderia impactar de forma negativa na formação acadêmica de seus filhos. Além disso, a remuneração oferecida aos jovens inseridos no mercado de trabalho não é atrativa para que seus filhos arriscassem comprometer sua

qualificação acadêmica. Nesse grupo de famílias, também encontramos casos de investimento financeiro na formação de jovens, em cursos preparatórios para concursos direcionados para a carreira militar, curso de línguas estrangeira, e de informática.

Não, atualmente não penso em trabalhar. Eu pretendo só estudar, para que quando eu comece a trabalhar eu consiga trabalhar em algo que eu realmente goste muito e algo que me dê uma boa renda financeira. Se eu for trabalhar agora, vai atrapalhar os meus planos para o futuro. A minha família me ajuda muito; para eles, o mais importante é que eu tenha uma boa base na escola, isso vai me facilitar entrar no mercado de trabalho (Estudante Típico 3).

Os estudantes-trabalhadores e estudantes-atletas enfatizam em suas falas questões relacionadas aos temas das barreiras e estratégias, mostrando as dificuldades da conciliação entre as formações acadêmica, laboral e esportiva. Esses dados apontam para uma rotina de maior complexidade e exigência, caracterizada pelo cansaço, gestão do tempo e necessidade de estabelecer prioridades entre as formações. Por outro lado, os estudantes típicos, ao abordarem os temas de ambiente escolar e apoio familiar, indicaram uma vivência escolar mais estável e com suporte familiar favorecendo a dedicação exclusiva aos estudos. O tema identidade profissional é fundamental para todos os grupos, refletindo que, independentemente da rotina, os jovens estão preocupados com o futuro e elaboram projetos de vida com base nas oportunidades percebidas.

3. Discussão

Os estudantes típicos e atípicos encontram situações diferenciadas para elaborar seus projetos de vida e seus caminhos no ambiente escolar. A formação acadêmica ainda é apresentada como uma possibilidade real de ascensão social, porém, a realidade apresenta algumas barreiras para que isso ocorra. Os jovens estudantes buscam, através dos recursos próprios, construir estratégias para enfrentar essas dificuldades e as diferentes demandas exigidas em suas vidas.

As aspirações profissionais de jovens estudantes típicos e atípicos possuem divergências e convergências e parecem estruturadas a partir da relação construída entre os seus projetos de vida e as possibilidades reais que

surtem em suas trajetórias de vida. A necessidade de inserção rápida no mercado de trabalho estimula jovens de baixa renda a buscarem caminhos que tornem mais rápida esta inserção (Abramo *et al.*, 2020).

A carreira militar e os cursos profissionalizantes de nível médio são possibilidades reais para jovens típicos e atípicos oriundos de escolas públicas brasileiras. Os motivos que levam os jovens a escolher a carreira militar como sua primeira opção não são poucos e têm suas origens em diferentes fatores: a estabilidade da carreira, a possibilidade de crescimento profissional, remuneração atrativa e imediata, segurança e *status* social. A formação técnica profissionalizante surge como outra opção factível, devido à disponibilidade de cursos técnicos ofertados por iniciativas públicas ou privadas, que podem apresentar um caminho mais rápido e possível de ser trilhado em direção ao seu primeiro emprego. Estas escolhas mostram um pensamento racional a respeito das possibilidades reais na vida dos jovens das camadas populares no Brasil (Marcassa; Conde, 2017).

Os estudantes típicos e os estudantes-trabalhadores avaliam o ingresso em uma universidade pública como algo difícil. Além disso, alguns afirmam não possuírem condições econômicas para arcar com os custos de estudar em uma universidade privada. A inserção no ensino superior também pode representar um adiamento da possibilidade imediata de conseguir algum recurso financeiro de forma regular. As barreiras enfrentadas pelos jovens pobres, oriundos de escolas públicas, para ingressar na universidade são conhecidas e se constituem como um dos principais problemas do sistema educacional brasileiro, demonstrando que as opções de escolha, para essa parte da população brasileira, são limitadas pelas dificuldades estruturais precocemente impostas a esses jovens (Senkevics; Carvalho, 2020).

A realidade dos estudantes-trabalhadores mostra que o tipo de vínculo empregatício impacta nas aspirações ao futuro profissional desses jovens e, conseqüentemente, nos seus projetos de vida. A conquista do primeiro emprego através do programa Jovem Aprendiz (Lei 10.097) mostrou ser um aspecto positivo na vida dos jovens trabalhadores – estar respaldado por contrato de trabalho e pelas leis trabalhistas eleva as expectativas dos jovens em relação às suas possibilidades de ascensão profissional nas áreas onde

estão inseridos como jovens aprendizes. Por isso, pretendem seguir a carreira profissional nas áreas em que estão atuando. O estudo de Barbosa e Paiva (2022) apresenta dados que corroboram nossa pesquisa – os jovens envolvidos no mercado de trabalho formal através do Programa Jovem Aprendiz apresentam menor rotatividade de emprego, melhores oportunidades laborais e a possibilidade de contratação pelas empresas ao final do período de vigência de seus contratos.

Por outro lado, a situação dos jovens trabalhadores inseridos no mercado de trabalho informal revela uma realidade de precariedade e desvalorização profissional, estimulando os jovens deste grupo a buscar por mudança de área profissional, vislumbrando melhores condições de trabalho e remuneração. Os estudos de Ferreira, Prata e Souza (2024) e de Peregrino, Pinheiro e Souza (2018) demonstram a difícil realidade enfrentada por grande parte dos jovens trabalhadores brasileiros vinculados a trabalhos informais e que esta condição pode impactar negativamente o processo de formação acadêmica. Os dois grupos de estudantes-trabalhadores, formais e informais, vislumbram prosseguir em suas formações basicamente através de cursos de formação técnica após o fim do ensino médio.

Os estudantes-atletas demonstram maior valorização da formação esportiva em detrimento da acadêmica. Esta condição já havia sido detectada em outros estudos da área (Correia *et al.*, 2022; Melo *et al.*, 2016). A carreira esportiva mescla alguns fatores relevantes que podem auxiliar na compreensão da escolha dos estudantes atletas por este caminho: a extrema competitividade e seletividade do ambiente esportivo; a possibilidade de enriquecimento e ascensão social rápida para aqueles que obtiverem sucesso em suas carreiras; e uma grande visibilidade midiática, que pode transformá-los em celebridades. Os estudantes atletas reconhecem as dificuldades enfrentadas em busca da profissionalização no meio esportivo, sabem que poucos jovens conseguem acessar a categoria profissional nos clubes, mas optam por enfrentar estes desafios em busca de um futuro improvável.

A valorização do ambiente esportivo ocorre também para a segunda opção de inserção no mercado de trabalho de jovens estudantes-atletas, a formação em Educação Física surge como uma outra opção, caso o

profissionalismo no futebol não aconteça. Os anos de treinamento nas categorias de base faz com que ocorra o aprendizado de conhecimentos específicos, que podem ser valorizados caso o jovem permaneça no meio esportivo. Além disso, os anos de prática permitem a criação de redes de contatos, com ex-companheiros de time, profissionais da área, diretores e empresários que facilitam a entrada no ambiente profissional (Conceição; Vaz, 2020). Os estudantes atletas demonstram resistência em priorizar a formação acadêmica e expõem o desejo de permanecerem no campo esportivo, seja através da profissionalização como atleta ou, caso não obtenham sucesso, da formação em Educação Física.

O controle do tempo diário da jornada escolar, esportiva e laboral é de fundamental importância para evitar uma sobrecarga excessiva nas vidas dos jovens estudantes envolvidos em duas formações concomitantes. No ambiente esportivo, a Lei Pelé (Brasil, 1998) determina um tempo máximo de quatro horas de jornada de treinamento diário para os jovens atletas. No caso dos clubes que cederam estudantes atletas para esta pesquisa, este tempo de dedicação era respeitado nas sessões diárias de treinamento. Porém, se considerarmos o tempo de envolvimento dos jovens com o clube nos períodos de competições e de viagens, esta jornada extrapolava consideravelmente o tempo previsto em lei. Essa falta de comunicação efetiva entre escola e clube aumenta a sobrecarga dos jovens envolvidos em dupla carreira (Melo *et al.*, 2016; Rocha *et al.*, 2021).

Os estudantes-trabalhadores são submetidos a uma sobrecarga de atividades diárias, ocasionando desgaste físico e emocional. Entretanto, apresentam condições diferentes para enfrentar a dupla carreira. Os jovens trabalhadores protegidos por contratos de trabalho tinham maior facilidade em gerir o seu tempo, devido à jornada de trabalho limitada ao período estipulado por contrato (Brasil, 2000). A falta de vínculo profissional estabelecido por contrato de trabalho submetia os jovens trabalhadores na informalidade a jornadas de trabalho mais extensas e mais desgastantes, comprometendo a organização de suas atividades diárias, como tempo para estudar e um período adequado de descanso.

Os estudantes típicos, teoricamente, estão mais protegidos. Contudo, também enfrentam sobrecargas de menor visibilidade, como os afazeres domésticos e os cuidados com familiares idosos ou menores de idade. Estas tarefas estão inseridas nas rotinas de atividades diárias e se constituem com um grande desafio a ser enfrentado geralmente por jovens membros de famílias das camadas sociais desfavorecidas (Abramo *et al.*, 2020). A realidade vivenciada por estes jovens deve ser compreendida como uma dupla jornada não oficializada que impõe aos jovens: estresse físico e emocional, redução do tempo de estudo, limitação de participação em atividades extraclasse e isolamento social, comprometendo a gestão do tempo e criando dificuldades para a formação acadêmica (Meyer; Andrade, 2014).

A organização do tempo é um elemento crucial para a compreensão das diferenças entre as realidades enfrentadas por estudantes típicos e atípicos. O tempo aparece como um fator que permeia a formação acadêmica desses jovens. As múltiplas jornadas submetem os jovens a uma condição desgastante e estressante que interfere negativamente no desempenho acadêmico e em outras esferas da vida.

As questões relacionadas à dupla carreira ainda necessitam de amplo debate na sociedade com o intuito de criar políticas públicas eficazes para atendimento de jovens nessa situação. Na realidade brasileira, as questões operacionais relacionadas à conciliação da dupla carreira, como faltas à escola devido a compromissos com o clube ou trabalho, impossibilidade de cumprir toda a jornada escolar diária, perda de prazo para entrega de trabalhos, por exemplo, são solucionadas principalmente pelos estudantes, familiares e profissionais da escola mediante acordos informais. Isso ocorre devido à falta de políticas públicas que auxiliem na organização das rotinas dos jovens estudantes atletas, demonstrando que a escola direciona o seu foco apenas para os alunos típicos, desconsiderando outras realidades vividas por estudantes atípicos dentro do sistema de educação básica (Melo *et al.*, 2016; Rocha *et al.*, 2023).

Por outro lado, a construção de um ambiente favorável, que atenda as demandas específicas deste grupo de jovens estudantes atípicos, ajuda a minimizar barreiras recorrentes, como a evasão escolar, a defasagem idade-

série e o abandono da formação esportiva (Rocha *et al.*, 2021). Em países como Alemanha, Dinamarca, e Inglaterra, existem escolas criadas especificamente para atender as necessidades dos jovens estudantes-atletas. Estas instituições apresentam resultados positivos no desempenho acadêmico, esportivo e no bem-estar dos estudantes atletas, mostrando ser possível atenuar as barreiras impostas pela dupla carreira (Sallen *et al.*, 2023).

Os jovens estudantes-trabalhadores teoricamente estão protegidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996), pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), e pela Lei do Jovem Aprendiz (Brasil, 2000), que oferecem respaldo legal para as questões que envolvem os estudantes, a escola e o trabalho – o que garantiria, em tese, um processo de dupla carreira menos desgastante. Porém, na prática, estas leis parecem pouco eficazes, devido a mecanismos falhos na relação entre as empresas e as escolas (Marcassa; Conde, 2017). A situação dos estudantes-trabalhadores na informalidade possui maior complexidade, todas as questões são de sua responsabilidade, precisam resolver por conta própria as demandas criadas pela dupla jornada (Abramo *et al.*, 2020). A falta de escolas vocacionais destinadas aos estudantes trabalhadores é mais um fator agravante. Para este grupo, o ensino noturno acaba sendo o destino mais procurado para conciliarem a dupla carreira (Senkevics; Carvalho, 2020).

As duas escolas investigadas neste estudo tinham um histórico de trabalho com jovens estudantes-atletas e estudantes-trabalhadores de mais de duas décadas, o que permitiu, com o passar dos anos, a construção de uma abordagem acolhedora e proativa por parte dos profissionais das escolas, que buscavam identificar e compreender as demandas impostas nas vidas desses jovens e elaborar mecanismos de apoio para impactar de forma positiva a vida desses estudantes em dupla carreira.

Os jovens estudantes típicos e atípicos têm os seus projetos de vida apoiados por suas famílias. Os pais dos estudantes típicos e atípicos compreendem que a conclusão do ensino médio é uma condição básica para que os jovens possam buscar inserções no mercado de trabalhos em postos de trabalho minimamente valorizados. Por isso, essas famílias buscam meios

para acompanhar o desempenho de seus filhos e proveem recursos, dentro de suas possibilidades, para que esta etapa de formação seja vencida.

A condição socioeconômica das famílias influencia as trajetórias percorridas pelos jovens estudantes. No caso dos estudantes típicos, estes podem ter o seu período de moratória social alargado, com adiamento da entrada no mercado de trabalho, permitindo a dedicação exclusiva à formação acadêmica. Este investimento familiar é acompanhado pela expectativa futura de um melhor posicionamento no mercado de trabalho devido a uma formação escolar mais sólida.

As famílias de jovens estudantes-atletas sabem que conseguir prosperar na carreira futebolística é algo difícil de acontecer, mas pode oferecer possibilidades de ascensão social rápida e a níveis dificilmente alcançados no mercado de trabalho formal. Esta possibilidade estimula algumas famílias a realizarem um esforço maior para que seus filhos continuem sua formação esportiva. As apostas feitas na carreira dos jovens estudantes atletas, por vezes, podem mobilizar o núcleo familiar inteiro, transformando o sonho da profissionalização no futebol em um sonho coletivo (Correia *et al.*, 2022).

Os jovens inseridos no mercado de trabalho formal ou informal recebem suporte de seus familiares para a conquista do primeiro emprego, através de redes de contato, de investimento em cursos de formação que podem complementar o conhecimento adquirido na escola e capacitar os jovens para demandas específicas do mercado de trabalho. Por fim, valorizam o trabalho como um importante elemento para o amadurecimento de seus filhos.

As diversas formas de apoio familiar apresentam pontos importantes para o debate. Os projetos de vida dos jovens estudantes típicos e atípicos são elaborados de forma coletiva, em que os jovens, suas famílias e suas redes de apoio promovem mediações com intuito de facilitar as trajetórias idealizadas.

Conclusão

A contribuição desse texto se direciona à compreensão das múltiplas trajetórias juvenis e dos efeitos concretos da articulação (ou conflito) entre os diferentes campos formativos que incidem sobre o jovem homem no Brasil contemporâneo diante do processo de escolarização.

Os resultados encontrados a partir da análise temática evidenciam que a trama central da pesquisa está apoiada em cinco eixos de sustentação, que estão inter-relacionados: identidade profissional e projetos de vida, barreiras à escolarização, estratégias para o enfrentamento das demandas da dupla carreira, ambiente escolar, e envolvimento familiar. As realidades diferentes de estudantes típicos, estudantes-trabalhadores e estudantes-atletas são determinantes para a interação com cada um desses eixos.

A escola revelou-se um espaço de enfrentamento de diferentes demandas. Se, para os estudantes típicos, a realidade mostrou-se menos complexas devido à sua dedicação exclusiva à formação acadêmica, os estudantes atípicos, em dupla carreira, apresentaram conflitos de conciliação de agendas e demandas entre escola, trabalho e esporte, mostrando que a escola ainda concentra suas atenções sobre os estudantes típicos e está despreparada para atender os estudantes em dupla carreira, do ponto de vista institucional. A capacidade de negociação dos estudantes típicos e atípicos e de seus familiares, juntamente com atuações pontuais de professores e coordenadores das escolas, mostrou-se como um fator importante para resolução de problemas relativos às diferentes instituições de formação.

As aspirações profissionais impactaram de forma relevante na dedicação às atividades educacionais no presente. De acordo com as expectativas profissionais, as prioridades eram deslocadas e uma maior tolerância à perda de foco na formação acadêmica foi percebida. O apoio familiar para todos os estudantes, típicos e atípicos, potencializou as possibilidades de realização dos seus projetos de vida, mostrando-se um elemento fundamental na vida dos jovens.

A estrutura social, política e econômica, na qual os jovens estudantes típicos e atípicos estão inseridos, impacta diretamente a construção dos seus projetos de vida. Algumas barreiras identificadas são escolhas institucionais

e, para modificá-las, será necessário promover mudanças nas políticas vigentes e apresentar novos paradigmas que possam tornar o processo mais humano e efetivo.

Dessa forma, é necessário que o poder público, em conjunto com as instituições formadoras, elabore mudanças. A criação de leis específicas para a organização das rotinas e demandas dos estudantes-atletas, assim como a exigência de contratos de trabalho para todos os estudantes-trabalhadores possibilitariam uma melhor condução de todo o processo, impactando de forma positiva a qualidade de vida dos jovens em dupla carreira. As instituições de ensino poderiam flexibilizar os seus horários, estabelecer tutorias, criar possibilidades de aulas *online* para que os estudantes não percam conteúdo quando estiverem impossibilitados de frequentar a escola, estruturar parcerias com maior nível de profundidade com clubes e empresas visando o alinhamento das condutas. Os clubes e empresas deveriam criar espaços específicos onde os jovens pudessem estudar sempre que for necessário, estruturar um calendário em comum com o calendário escolar, reduzir o horário de treinamento e trabalho nas semanas de avaliação na escola.

Este estudo desvendou padrões importantes para a compreensão dos desafios escolares, gestão do tempo, aspirações profissionais e apoio familiar de estudantes típicos e atípicos. Porém, o pequeno quantitativo de jovens entrevistados limita generalizações sobre a realidade dos jovens nessas condições de forma geral. Futuras pesquisas podem ampliar o número de participantes, desenvolver um acompanhamento longitudinal, ampliar o enfoque para questões de gênero, raça e classe social.

Referências

ABRAMO, Helena W.; VENTURI, Gustavo; CORROCHANO, Maria Carla. Estudar e trabalhar: Um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 523-542, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/s01013300202000030004> Acesso em: 2 maio 2025.

ALADIM, Carolina T.; PAIVA, Kely C. M. de; BARBOSA, Milka A. C. Competências profissionais e sua gestão na percepção de jovens atletas. In: PAIVA, K. C. M. de (org.). *Jovens trabalhadores: teorias, pesquisas e reflexões no contexto brasileiro*. Bauru: Gradus Editora, 2024. p. 143-165.

ARROYO, Miguel. Juventudes e escolarização: do direito à educação ao direito à vida. In: DAYRELL, J. (org.). *As juventudes e a escola: perspectivas teóricas e práticas*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. p. 17-39.

BARBOSA, Jane Kelly D.; PAIVA, Kely C. Martins de. Trajetória profissional e marcadores interseccionais: um estudo com jovens trabalhadores. In: ENCONTRO DA ANPAD, 46, 2022, online. *Anais [...]*. Maringá: ANPAD. p. 1-20. Disponível em: <https://anpad.com.br/uploads/articles/120/approved/5c971edc0c2cc92fc99b5a3609450cb7.pdf> Acesso em: 21 jul. 2025.

BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 15 abr. 2025.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 15 abr. 2025.

BRASIL. *Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998*. Institui normas gerais sobre o desporto e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. *Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000*. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943. Brasília, DF: Presidência da República, 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110097.htm. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 14 maio 2025.

CARRANO, Paulo Cesar R.; MARINHO, Andreia C.; OLIVEIRA, Viviane N. M. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. esp., p. 1439-1454, dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201508143413>. Acesso em: 2 jun. 2025.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CONCEIÇÃO, Daniel M. da; VAZ, Alexandre F. A concomitância entre estudar e jogar: observações sobre o processo de descontinuidade na escolarização de jogadores de futebol em formação. *CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Juiz de Fora, n. 31, p. 91-108, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.30510>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CORREIA, Carlus Augustus Jourand; SOARES, David Gonçalves; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Estratégias e visões familiares na escolarização de jovens atletas. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 47, e108135, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236108135> Acesso em: 13 dez. 2024.

ERNICA, Mauricio; RODRIGUES, Erica C.; SOARES, José Francisco. Desigualdades educacionais no Brasil contemporâneo: definição, medida e resultados. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, p. 1-44, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/dados.2025.68.1.345>. Acesso em: 10 maio 2025.

FERREIRA, Mônica D. P.; PRATA, Juliana de M.; SOUZA, Marcelo André. Tendencias en la transición escuela-trabajo: el caso de la Investigación sobre Juventudes en Brasil. *Revista de Ciencias Sociales*, DS-FCS, v. 37, n. 54, e202, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.26489/rvs.v37i54.2>. Acesso em: 20 fev. 2025.

MARCASSA, Luciana P.; CONDE, Soraya F.. Juventude, trabalho e escola em territórios de precariedade social. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 1296-1313, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2017v35n4p1296>. Acesso em: 22 mar. 2025.

MELO, Leonardo Bernardes Silva de; ROCHA, Hugo Paula Almeida da; SILVA, André Luiz da Costa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Goiânia, v. 38, n. 4, p. 400-406, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.11.003>. Acesso em: 28 jul. 2025.

MEYER, Dagmar E.; ANDRADE, Sandra dos S. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. *Educar em Revista*, Curitiba, ed. esp., n. 1, p. 85-99, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.36463>. Acesso em: 11 mar. 2025.

PINTO, Erika Alcântara; ROCHA, Hugo Paula Almeida da; CORREIA, Carlus Augustus Jourand; LEITÃO, Larissa Meireles; FERREIRA, Mariana Carvalho; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Estudantes-atletas: questões e implicações acerca do direito à educação e à formação profissional no esporte. *Esporte e Sociedade*, Niterói, v. 16, n. 37, p. 1-28, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/55407>. Acesso em: 17 mar. 2025.

RIBEIRO, Carlos Antonio C. Desigualdade de oportunidades e resultados educacionais no Brasil. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.

54, n. 1, p. 41-87, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582011000100002>. Acesso em: 10 dez. 2024.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; COSTA, Miguel Ataíde Pinto da; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Educação e esporte: analisando o tempo escolar do estudante-atleta de futebol. *Educação em Revista*, [S.l.], v. 37, n. 1, p. 1-20, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-469820719>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da; SOUZA, Camilo Araújo Máximo de; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Dupla carreira no Brasil de 2018 a 2023: um panorama dos estudos recentes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Goiânia, v. 45, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/rbce.45.e20220045>. Acesso em: 01 fev. 2025.

SALLEN, Jeffrey; WENDEBORN, Thomas; GERLACH, Erin. Talented athletes as high achievers – only in sports? Analysis of academic performance and the impact of dual career assistance programmes in upper secondary school. *German Journal of Exercise and Sport Research*, v. 53, p. 410-419, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12662-023-00878-7>. Acesso em: 19 nov. 2024.

SCHNEIDER, Gabriela; FRANTZ, Maira G.; ALVES, Thiago. Infraestrutura das escolas públicas no Brasil: desigualdades e desafios para o financiamento da educação básica. *Revista Educação Básica em Foco*, Goiânia, v. 1, n. 3, p. 1-13, out./dez. 2020. Disponível em: https://educacaobasicaemfoco.net.br/02/Artigos/Infraestrutura_das_escolas_publicas_no_brasil_SCHNEIDER-Gabriela_FRANTZ-Maira-Gallotti_ALVES-Thiago.pdf. Acesso em: 22 jun. 2025.

SENKEVICS, Adriano S.; CARVALHO, Marília P. de. Novas e velhas barreiras à escolarização da juventude. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 333-352, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.020>. Acesso em: 25 nov. 2024.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.